

EXPANSÃO DA ÁREA CENTRAL E TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO: O CONTRAPONTO ENTRE RESILIÊNCIA RESIDENCIAL E FRAGILIDADE COMERCIAL

Roberto Barreto Alvarez
Graduando em Geografia IGEOG – UERJ
Membro do GETER – Grupo de Estudos Terciários do Rio de Janeiro
rbalvarez.geo@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a atividade terciária na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro e sua relação com os espaços de moradia, no contexto das transformações ocorridas recentemente com a expansão da Área Central. A Zona Portuária era considerada periferia do centro, entretanto, na atualidade, a referida zona está sendo incorporada à Área Central e, por esse motivo, está submetida a um intenso processo de renovação urbana. Ressalta-se que todas essas transformações geram impactos sobre as atividades terciárias e a população residente no local, cuja resiliência nos revela tendências de uma inércia dinâmica, especificamente na Rua Conselheiro Zacarias. Neste sentido, busca-se identificar a distribuição comercial e de serviços na área de estudo e, também, como o contexto histórico da citada área justifica a atual fragilidade da estrutura terciária.

Palavras-chave: Área Central. Zona Portuária. Renovação urbana. Atividades terciárias. Espaço residencial.

ABSTRACT

This work aims to analyze the tertiary activity in the Port Area of the city of Rio de Janeiro and its relation to the housing areas in the context of the transformations that have taken place recently after the expansion of Central Area of the city. The Port Area was considered a suburban area of the Central Area, however, at present, that zone is being incorporated into the Central Area and, therefore, is subject to an intense process of urban renewal. It is noteworthy that all these changes generate impacts on tertiary activities and the population living in that location, whose resilience reveals trends in a dynamic inertia, specifically in Counselor Zacarias Street (Rua Conselheiro Zacarias). In this sense, we seek to identify the commercial and service distribution in the study area and also how the historical context of the aforementioned area justifies the current fragility of the tertiary structure.

Keywords: Central Area. Port Area. Urban renewal. Tertiary Activities. Housing areas.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende fazer uma análise sobre a Área central da cidade do Rio de Janeiro e seu atual momento de expansão, incorporando espaços que eram considerados como periferia do centro, como é o caso da Zona Portuária, submetida a um intenso processo de renovação. Essa zona da cidade faz parte do projeto Porto Maravilha, que vem renovando um espaço da área central da cidade antes esquecido e isolado.

O que chamamos de Zona Portuária, são os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, bairros que contiguamente dispostos na área central do Rio de Janeiro, possuem certa homogeneidade nas formas, que em sua maioria nos remetem a um tempo passado e a funções voltadas a atividades portuárias. Gerson (2000, p. 146), em seu livro sobre a história das ruas do Rio de Janeiro nos diz que essa foi “zona de pescadores inicialmente, nela depois se concentraria o comércio de importação e exportação do Rio de Janeiro, de cabotagem e longo curso, e os trapiches e os armazéns invadiram-na [...]”. Esse trecho nos mostra os tipos de atividades desenvolvidas na área, determinantes para a dinâmica dos bairros, seja econômica ou socialmente.

Nesta zona, além das atividades especificamente portuárias, também havia a presença das atividades fabris, que se localizavam próximas ao porto como forma de facilitar o escoamento de sua produção, reduzindo gastos logísticos. Dentre algumas indústrias, o Moinho Fluminense é um exemplo paradigmático, por conta de seu tamanho e importância para a área, constituindo um forte polarizador de mão de obra, que segundo Cardoso et al. (1987, p. 89) iriam “se somar aos trabalhadores portuários, reforçando o caráter popular da área”.

Porém, com a decadência das atividades portuárias e industriais, houve paralelamente a perda da centralidade exercida por essas atividades. Ao explicar esse processo Rabha (1985) chama a atenção para a construção de vias que teriam por função articular a cidade de forma mais rápida; essas vias são as Avenidas Francisco Bicalho, Presidente Vargas, Rio Branco, e Rodrigues Alves. Mas essas vias serviram de fato como um “cinturão de avenidas”, criando barreiras materiais e imateriais, enclausurando toda essa área, gerando, então, o que a autora chamou de “desenvolvimento para dentro” no sentido de garantir a vida do bairro.

O que notamos no presente momento é que apesar de todo o investimento maciço no setor da construção civil, com a construção de novas vias rodoviárias, ampliação de antigas ruas e calçadas, novos prédios corporativos, novos equipamentos de lazer, existe um enclave residencial que se mantém de forma resiliente. Esse enclave se localiza no bairro da Gamboa, mais especificamente na Rua Conselheiro Zacarias.

No entanto não existe na rua e em suas imediações um significativo comércio varejista, onde os moradores pudessem comprar de forma rápida os produtos do dia-a-dia. Esta situação nos remete ao passado do bairro e a sua vocação de comércio atacadista e às atividades fabris e portuárias, e como sabemos o comércio varejista se concentrou mais próximo ao CBD (*Central Business District*) da cidade.

A Rua Sacadura Cabral, também recebe nossa atenção, pois ela configura eixo longitudinal que corta todo o bairro da Saúde e da Gamboa e, principalmente, porque nela se distribuem empreendimentos novos e também o pequeno comércio estabelecido antes dessa fase de renovação urbana.

Este trabalho tem por objetivo analisar o comércio na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro e como ocorre a relação desse comércio com os espaços de moradia, no contexto das transformações que vem acontecendo por conta da expansão da Área Central.

O artigo está estruturado em duas seções: na primeira pensamos a centralidade da Área Central do Rio de Janeiro e a Zona Portuária como sua periferia; logo após abordamos a transição da cidade industrial para a cidade fortemente marcada pela urbanização terciária e como as antigas atividades podem nos indicar a gênese da fragilidade varejista da área; por fim, nas considerações finais encaminharemos alguns desdobramentos que suscitam a continuidade da pesquisa.

2. INCORPORAÇÃO DA ZONA PORTUÁRIA À ÁREA CENTRAL E A FRAGMENTAÇÃO ESPACIAL

A Área Central do Rio de Janeiro vem passando por um significativo momento de transformações, significativo não por ser necessariamente positivo para fins sociais, mas, sim, por marcarem cada vez mais o projeto de “cidade neoliberal”, na qual o valor de troca do espaço e a divisão espacial do trabalho marcam a fragmentação da cidade.

Nesse sentido, as áreas que antes eram consideradas periféricas ao centro passam a ser incorporadas, dada a necessidade da produção do espaço urbano e aos preços reduzidos do solo em áreas degradadas. Portanto, ao passo que a Área Central se expande a Zona Portuária do Rio de Janeiro ganha importância econômica.

A noção de zona periférica do centro foi definida por Corrêa (1995), ao indicar que o processo de centralização estabelece a Área Central, segmentada em dois setores, sendo eles o núcleo central e a zona periférica do centro. Onde o primeiro é caracterizado por concentrar as atividades econômicas, possuir alta densidade do uso do solo, elevado preço da terra e entre outras coisas, por ser área de decisões; e o segundo é caracterizado por ser uma área que se desenvolve no entorno desse núcleo central, e que possui o uso do solo “semi-intensivo”, ou seja, comércio atacadista, armazenagem e as indústrias leves, coexistindo com terrenos abandonados e uma área residencial. O autor ainda esclarece que:

a zona periférica do centro apresenta um amplo setor residencial caracterizado por residências populares e de baixa classe média, muitas delas deterioradas, como os cortiços, onde reside parcela da população que trabalha na área; possui por isso comércio varejista e serviços para esta população (CORRÊA, 1995, p. 43).

Ao tratar dos bairros portuários, que corresponderiam a essa periferia do centro, Nina Rabha (1985, p. 36) nos diz que:

de fato, não vai muito longe o tempo em que estes bairros eram simplesmente rotulados como deteriorados. Para esse julgamento colaboravam os “usos sujos” que nele se desenvolvem como o porto, a ferrovia, os depósitos; a ausência de construções mais simbólicas da história moderna da cidade; a população pobre preferencialmente reside nesse lugar.

A Zona Portuária ganhou importância econômica nesses últimos anos por ser uma grande área de expansão do capital, sobretudo o imobiliário, e hoje faz parte da AEIU – Área de Especial Interesse Urbanístico – e é gestada pela CDURP – Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro, companhia que segundo o site da própria busca “articulação entre os demais órgãos públicos e privados e a Concessionária Porto Novo - que executa obras e serviços nos 5 milhões de metros quadrados da Área de Especial Interesse Urbanístico (Aeiu) da Região do Porto do Rio.” (Fonte: <http://www.portomaravilha.com.br/web/sup/OperUrbanaApresent.aspx>, acesso em 7 de Outubro de 2015). Além disso, consta como seu objetivo geral a promoção da reestruturação urbana da AEIU.

Contudo, todo esse dinamismo que se vê hoje não retrata a dinâmica passada dos bairros, que por muitos anos se mantiveram em inércia, ou em inércia dinâmica se considerarmos que a “organização do espaço é também uma forma, um resultado objetivo de uma multiplicidade de variáveis atuando através da história” (SANTOS, 2004, p. 45) e essa condição de inércia dinâmica gerou o que Rabha (1985) chamou de “cristalização” que seria a manutenção da forma-aparência, formas que indicam tempos passados. A autora também chama nossa atenção para o que ela denomina “resistência”, que seria “a força de permanência das funções exercidas pelas formas”, considerando a função residencial como uma das mais resistentes, e por isso como a própria autora afirma o lugar é um “lugar de pobres, sim, mas que não é centro, zona norte, sul ou subúrbio. É ‘cidade de interior’, encravada e próxima a tudo o que uma metrópole pode oferecer” (RABHA, 1985, p. 41). Esse trecho serve para nos mostrar como se dava a sociabilidade no bairro.

Um enclave residencial¹ se mantém até os dias atuais, resiliente no sentido de se manter e de se adaptar; nesse sentido “resiliência pode ser definida como a capacidade humana de ajustar-se, resistir e se recuperar das adversidades” (ROJAS, 2011 apud PACHECO, 2012, p. 464). Portanto, estamos falando da capacidade de sobreviver.

A Rua Conselheiro Zacarias (Imagem 1), escolhida para ser nosso recorte espacial é bem retrato desta resiliência humana, pois mesmo depois de anos de esquecimento dos setores público e privado a rua residencial foi se adaptando, resistindo; isso pode ser notado olhando as fachadas das casas e suas calçadas, o que mostra o zelo e o envolvimento comunitário com o lugar.

¹ A Rua Conselheiro Zacarias que é considerada um enclave residencial, por conta de suas características morfológicas e sociais.

Imagem 1 – Casas da Rua Conselheiro Zacarias à esquerda e Condomínio Moradas da Saúde à direita



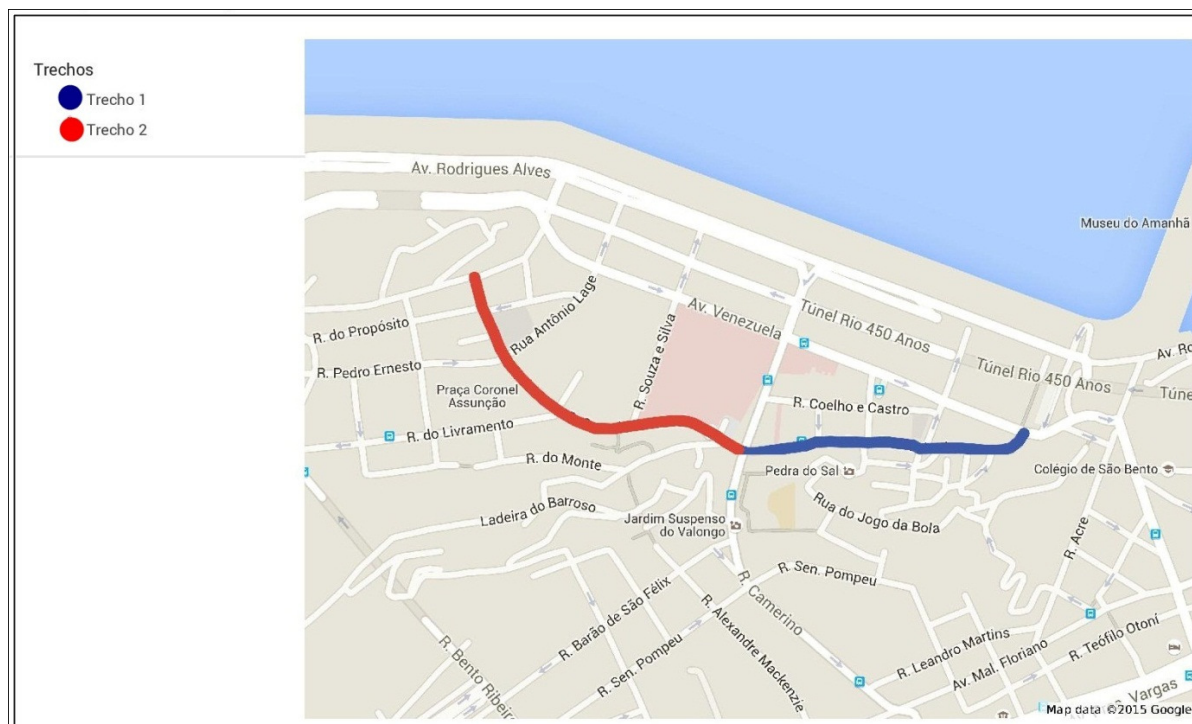
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Ainda nessa rua, temos a presença do Condomínio Moradas da Saúde, resultado de uma política pública da década de noventa, mas que foi inaugurado apenas no ano de 2003. O projeto previa a construção de habitações destinadas à classe média-baixa, sobretudo para funcionários públicos. Essa nova forma residencial também é símbolo de um novo modo de viver sem precisar estar ligado à vida ou questões do bairro, ao consumo no entorno.

Tanto que o setor de entregas em domicílio do supermercado local concentra seu trabalho na Gamboa, no Morro do Livramento, Morro da Providência, algumas ruas do Morro da Conceição, ou seja, no entorno do supermercado. Porém, o número de entregas feitas no Condomínio Moradas da Saúde não ultrapassa o número de uma ou duas por dia. Mostrando que os moradores do condomínio pouco consomem no bairro.

Outra rua bastante relevante para a pesquisa foi a Rua Sacadura Cabral, eixo de circulação que corta todo o bairro da Saúde e da Gamboa, indo da Praça Mauá até a antiga Praça da Harmonia (Mapa 1). Nela há uma concentração de empreendimentos relacionados aos serviços de entretenimento, como restaurantes com galerias de arte, casa de show, boate e bares, além de lojas de conveniência e mercearia.

Mapa 1 – Fragmentação espacial da Rua Sacadura Cabral.



Fonte: Google Maps, elaborado pelo autor, 2015.

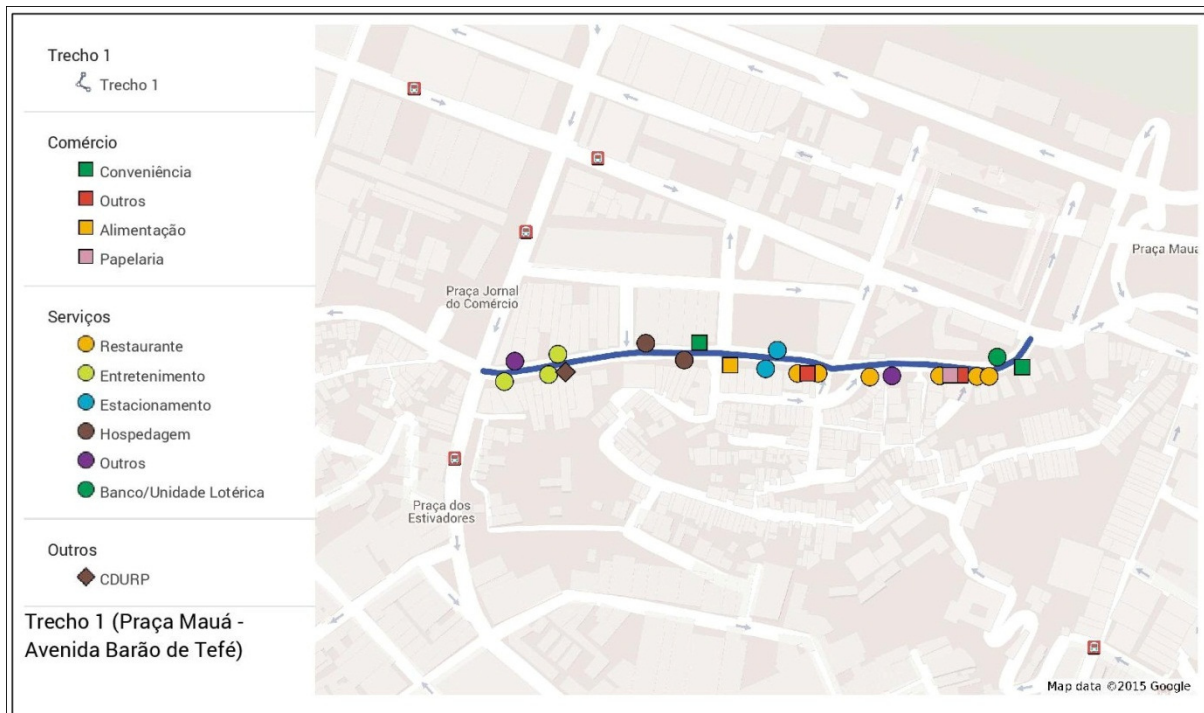
Porém há uma fragmentação dessa rua, gerando uma dinâmica funcional diferenciada em dois trechos (Imagem 2): um deles se localiza entre a Praça Mauá e o cruzamento com a Avenida Barão de Tefé (Mapa 2), cujas calçadas foram ampliadas, árvores foram plantadas, o sistema de coleta seletiva de lixo é moderno (diante do prédio da CDURP), com armazenamento subterrâneo; os quarteirões que compõe esse trecho fazem parte do projeto ainda embrionário, mas já em andamento, do Distrito Criativo do Porto, possuindo um grande número de empreendimentos modernos e ligados a essa nova fase de renovação da Zona Portuária. Já no trecho que se localiza entre a Avenida Barão de Tefé e a antiga Praça da Harmonia (Mapa 3) a situação se mostra diferente, ou seja, as calçadas são estreitas e antigas, o lixo em alguns trechos é jogado na calçada, os comércios são mais populares, tendo a presença de restaurantes *self-service*, pensões, farmácia, ótica, mercado, pequenas lojas de roupa, entre outras formas de comércio tradicional. Cabe destacar que, neste segundo trecho os serviços se articulam com a demanda do Hospital Federal dos Servidores do Estado; isso explica a concentração no seu entorno imediato, isto é, a farmácia e a ótica, por exemplo, mas, também, os restaurantes que buscam atender aos seus funcionários, e em tempos de muitas obras na região, também aos trabalhadores nelas envolvidos.

Imagem 2 – Calçadas da Rua Sacadura Cabral marcando sua fragmentação, no lado esquerdo o trecho Praça Mauá/Barão de Tefé e do lado direito o trecho Barão de Tefé/Praça da Harmonia.



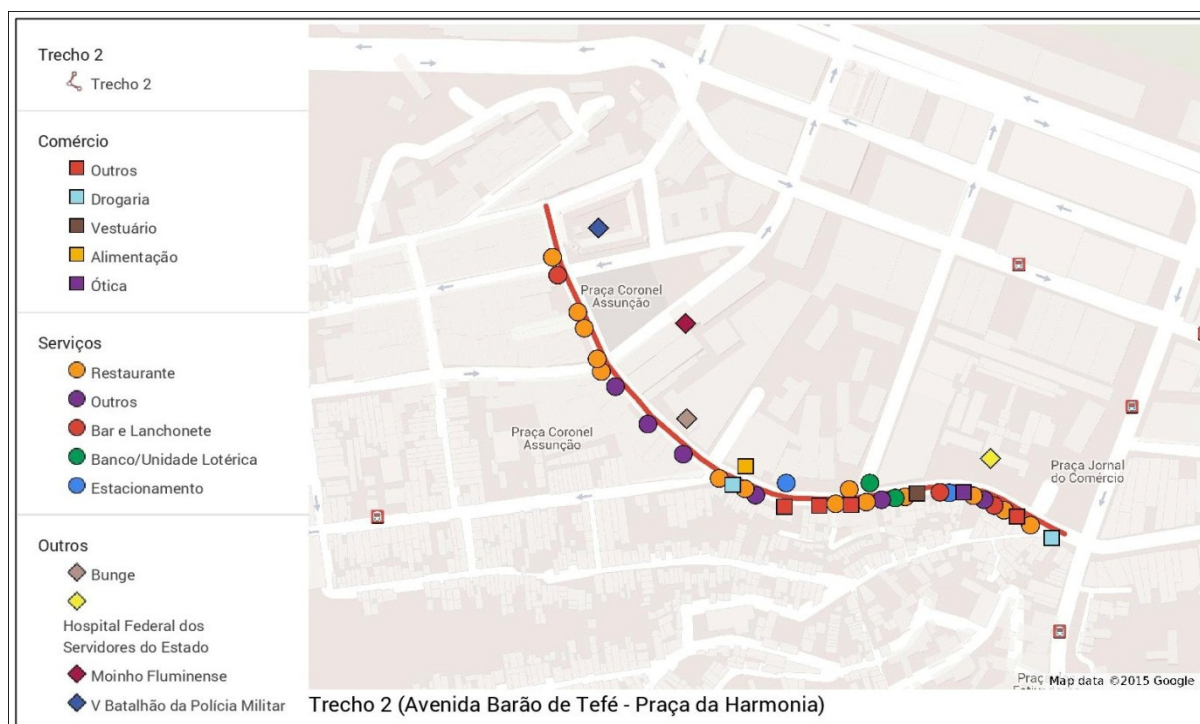
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Mapa 2 – Distribuição de estabelecimentos comerciais e de serviços na Rua Sacadura Cabral – Trecho 1.



Fonte: Google Maps, elaborado pelo autor, 2015.

Mapa 3 – Distribuição de estabelecimentos comerciais e de serviços na Rua Sacadura Cabral – Trecho 2.



Fonte: Google Maps, elaborado pelo autor, 2015.

3. AS ANTIGAS ATIVIDADES PORTUÁRIAS E FABRIS NA GÊNESE DA FRAGILIDADE VAREJISTA

Os bairros portuários revelam em suas formas o tempo passado, nos levando ao tempo da cidade industrial, quando as atividades portuárias e fabris cumpriam um papel mais ativo no processo da urbanização. Os estabelecimentos gráficos, por exemplo, se localizavam nessa região por conta de “dependência da importação de papel estrangeiro pelo porto do Rio de Janeiro, a necessidade de se encontrarem próximo de seus compradores como as livrarias, os órgãos do governo, enfim, os consumidores, através de compra de jornais e revista” (DUARTE, 1967, p. 94).

Duarte (1967) nos explica também a existência de indústrias que exigiam grandes áreas, como os moinhos e a refinaria de açúcar, pois esses estabelecimentos estariam ligados à importação de matéria-prima pelo porto ou pela estrada de ferro.

Porém, a expansão da malha urbana no sentido da Zona Sul no período 1930-1950, que segundo Abreu (2013, p. 112) foi motivada “pela necessidade de aplicação imediata de capitais em época de alta inflação”, resultou no estímulo à construção civil, criando a ideologia de morar à beira mar, contribuindo para uma nova dinâmica populacional sob a atuação de forças centrífugas e processos espaciais de descentralização.

Por sua vez, a transferência da capital federal para Brasília retira do Rio de Janeiro parte de sua força política e econômica. Acrescenta-se ainda, nos anos setenta, o impacto do que Rabha (2006, p. 253) caracterizou como “alteração substancial nos transportes marítimos”, que foi a passagem para o uso de navios de maior capacidade de carga, que conseqüentemente exigiu maior espaço para atracação; outra mudança foi a do sistema de estocagem, no qual a carga solta fora substituída pela armazenada em *containers*.

Todos esses fatos corroboraram para a cristalização (RABHA, 1985) ou inércia dinâmica (SANTOS, 2005) da Zona Portuária da cidade. Essa falta de dinamismo nos ajuda a compreender, por exemplo, a existência de inúmeros espaços vazios. Os vazios nesse momento de renovação urbana passam então a possuir maior valor econômico. A presença da Imobiliária Sergio Castro, na Rua Sacadura Cabral, visando negociar os vazios do bairro exemplifica a força do agente imobiliário na produção do espaço.

Os antigos estabelecimentos fabris, o porto e a proximidade com o centro varejista da cidade, justificam a fragilidade do comércio varejista, sobretudo quando pensamos nessa parte do bairro da Gamboa mais próxima ao Moinho Fluminense (Imagem 3). Portanto a baixa densidade pode ser incutida à própria gênese do bairro, que teve nas atividades portuárias sua maior relevância, atraindo para lá pequenas fabricas, manufaturas e comércio atacadista.

Imagem 3 – Praça da Harmonia e Moinho Fluminense ao fundo.



Fonte: <<https://blogportomaravilha.wordpress.com/2011/11/23/praca-da-harmonia/>>, acesso em 16 de Outubro de 2015.

A não ser pelo comércio de alimentos, como o Supermercado 2001 (Imagem 4), mas que não supre as necessidades de consumo cotidiano do bairro, os moradores da Rua Conselheiro Zacarias, e adjacências, são obrigados a caminhar percursos razoavelmente grandes para consumir na Rua

Camerino e Avenida Marechal Floriano, são apenas alguns exemplos de ruas que passam a atender essa demanda.

Imagem 4 – Fachada do Supermercado 2001



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Nesse sentido também vale ressaltar a composição social do bairro e seu caráter proletário, sobre isso Cardoso et al. (1987, p.127) nos dizem que:

O caráter popular da região se acentuava com a presença dos trabalhadores do porto, das fábricas e das oficinas. De início a participação dos trabalhadores portuários foi a mais marcante. A própria modernização das instalações físicas do porto foi acompanhada pela modernização das relações no âmbito do trabalho e da organização da classe trabalhadora.

Esse “caráter popular” presente na composição social do bairro cria uma forma de se viver o bairro, ou seja, os vizinhos se conhecem e se preocupam uns com os outros, afinal, o sentido da vida coletiva está no cerne da composição do bairro de trabalhadores, pois eles possuem uma consciência de classe que os permite reconhecer na coletividade uma forma de resistir aos ataques do capital, seja ele industrial ou financeiro e também dos agentes hegemônicos, sejam eles o Estado, as empreiteiras ou um consórcio entre os dois.

O condomínio Moradas da Saúde se impõe ao bairro como outra forma de reprodução da vida, a vida privada, enclausurada e, sobretudo individualizada, ainda que a convivência entre grupos se manifeste internamente. Apesar de ter um público alvo como, por exemplo, a classe média, a forma de viver o espaço e também consumir o espaço se revela de forma diferente, sem criar vínculo com o bairro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento de renovações e muitas transformações na organização do espaço urbano, quando podemos observar, como nos chama atenção Salgueiro e Cachinho (2009), os espaços de consumo substituindo os espaços de produção, surgem mais questionamentos do que certezas, afinal todos os processos ainda estão em curso. Os agentes seguem agindo e produzindo o espaço dessa zona; o que fica claro é que o centro se expande e busca articular antigas áreas que eram periferias, o que já vem causando uma série de problemáticas, uma vez que os interesses capitalistas sempre se sobrepõem aos interesses sociais.

Assim sendo, qual seria o futuro dessa área do bairro da Gamboa que ainda parece manter sua tradição de bairro popular? O enclave residencial identificado na Rua Conselheiro Zacarias sofreria algum impacto? Afinal, ele se localiza entre o núcleo central da cidade e a área a ser incorporada. Manter-se-ia resiliente? Haveria políticas públicas que visariam proteger essa população? Podemos pensar em recomposição social no bairro?

Na direção da vida da população e do futuro do bairro existem muitas interrogações, mas não só aí residem as dúvidas, elas também se impõem sobre a situação comercial do bairro. Afinal o comércio e a cidade possuem, como destaca Pacheco (2012), “relação genealógica”.

Então, qual será o impacto da renovação urbana no comércio local? As mudanças comerciais na área impactarão a vida da população? Ou, como as alterações na vida das pessoas afetarão o comércio?

Sabemos da existência de estudos que visam promover a “inclusão sócioprodutiva” como nos diz o presidente da CDURP Alberto Silva (2013), mas esses estudos nos trazem mais desconfianças ainda. Pois como observamos, o comerciante tradicional da área, descapitalizado, não conseguirá competir com a leva de novos empreendimentos que podem surgir na região, o que levaria a seu fim. Pensando também num perfil comercial que se adequaria a essa área surgem outras incertezas sobre o futuro. Qual tipo de serviço será incentivado? O serviço ligado ao lazer e a cultura? O comércio ligado a vida cotidiana seria incentivado? E o que já existe será incentivado a se manter?

Enfim, todas essas questões se impõem, e nos chamam a ter mais atenção sobre elas, sendo necessário seguir pesquisando, observando e buscando possíveis respostas a essas problemáticas vindas da realidade urbana. Afinal, a área em foco vive hoje um processo de transformação e todo processo é movimento, logo temos um movimento de elementos agindo no espaço e o produzindo, cabendo a nós a tarefa de interpretá-los.

5 REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2013.
- CARDOSO, E. D. et al. **A história dos bairros: Saúde, Gamboa, Santo Cristo**. Rio de Janeiro: Index, 1987.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: Ática, 1995.
- DUARTE, A. C. et al. **A Área Central da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 1967.
- GERSON, B. **História das Ruas do Rio: e de sua liderança na história política do Brasil**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- PACHECO, S. M. M. **Resiliência Urbana e Comercial em Áreas Centrais**. GeoUERJ, 2012.
- PORTO MARAVILHA. Disponível em:
<<http://portomaravilha.com.br/web/sup/OperUrbanaApresent.aspx>>. Acesso em: 7 out. 2015.
- RABHA, N. *Cristalização e Resistência no Centro do Rio de Janeiro*. In: **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: EdUFF, 1985.
- _____. **Centro do Rio: Perdas e ganhos na história carioca**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- SALGUEIRO, T. B.; CACHINHO, H. *As Relações Cidade-Comércio. Dinâmicas de Evolução e Modelos Interpretativos*. In: CARRERAS, C; PACHECO, S. M. M. (Org). **Cidade e Comércio: A Rua Comercial na Perspectiva Internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009, p. 9-39.
- SILVA, A. *Porto Maravilha e Inclusão Socioprodutiva*. In: **O Porto Maravilha e as Dificuldades da Reintegração Econômica da Região na Dinâmica da Cidade**. Rio de Janeiro, Boletim Semestral, n. 3, 2013.